

SOB A PERSPECTIVA DO HERÓI: CONSTRUÇÃO DO LEITOR INFANTOJUVENIL DE *HARRY POTER E A PEDRA FILOSOFAL*

Margarida Pontes Timbó¹⁵⁰

Prof^a. Dr^a. Fernanda Maria Abreu Coutinho¹⁵¹

Resumo: Esta comunicação procura adequar-se à proposta do Simpósio Temático 15, intitulado “Que leitor é esse? Narrativas infantojuvenis e contemporaneidade”, do IV Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia – IV CIELLA. Nesse sentido, objetiva perceber como a leitura, sobretudo, a das narrativas contemporâneas, torna-se fluida ao permitir uma discussão apurada, tendo em vista a postura e ótica do herói. Além disso, o trabalho também se interessa em demonstrar a forma pela qual se processa a recepção destes textos literários na atualidade, especialmente, devido ao poder das mídias digitais em fortalecer as imagens do herói. A pesquisa, de caráter teórico-bibliográfico, pautou-se em autores como Umberto Eco (2004), Flávio Martins Carneiro (2010), Hunt (2010) dentre outros que se preocupam com a construção do leitor e do herói moderno. Arelada a esta ideia, discutiremos como o leitor contemporâneo percebe o personagem das narrativas e com ele interage. Assim sendo, serve de *corpus* literário para este estudo o livro *Harry Potter e a pedra filosofal* (2000), da escritora britânica J.K. Rowling. Através da atuação de Harry, herói do referido romance, traçaremos pontos tangentes e divergentes acerca de sua relação com o leitor, sobretudo, elencando dados da infância e da mitologia clássica que construíram empatia no público leitor infantojuvenil da contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil; Leitor contemporâneo; Herói.

Abstract: This speech tries to fit in with the purpose of the Thematic Symposium 15, whose title is “What reader is this? Childlike and youthful narratives and contemporaneity”, from the IV International Congress of Linguistic and Literary Studies in the Amazon- IV CIELLA. Thus, this work has the objective of realizing like the reading, especially of the contemporary narratives, becomes fluid when let us a solid discussion, considering the posture and the optics of the hero. Besides, the works also owns the interest of demonstrating the form through the reception of these literary texts happens nowadays, especially because of the power of the digital media to reinforce the hero’s image. The research, of theoretical-bibliographic character, was based on authors like Umberto Ecco (2004), Flávio Martins (2010), Hunt (2010), among others who think over the building of the modern reader and the modern hero. With this idea, we will discuss like the contemporary reader realizes the character of the narratives and interacts with him. Thus, the literary *corpus* of this study is the book *Harry Potter and the philosopher’s stone* (2000), by the British writer J. K. Rowling. Through the performance of Harry, hero of the mentioned novel, we will draw up convergent and divergent points concerning his relation with the reader, especially, selecting pieces of information of the childhood and of the classic mythology that built empathy with the childlike and youthful reader public of nowadays.

Keywords: Childlike and youthful literature; Contemporary Reader; Hero.

¹⁵⁰ Doutoranda em Literatura Comparada na Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista CAPES. E-mail: guidinhapontes@yahoo.com.br

¹⁵¹ Pós-Doutora em Literatura Comparada, junto à UFMG e à Université de la Sorbonne; Professora do Departamento de Literatura da UFC e orientadora deste trabalho. E-mail: fmacout@terra.com.br

1. Introdução

Este trabalho discute a relação estabelecida entre o herói das narrativas ficcionais e o leitor contemporâneo, a fim de mostrar como essa conexão torna-se apurada a partir da leitura literária. Para tanto, o eixo basilar do estudo é o livro *Harry Potter e a pedra filosofal* (2000), da escritora britânica J.K. Rowling.

De acordo com nossa leitura percebemos que, na atuação do personagem Harry, herói do referido romance, o leitor contemporâneo redescobre alguns dados da infância e da mitologia clássica, como a trajetória do herói que, constrói empatia entre leitor e personagem, gerando a identificação do leitor como o *ethos* do herói. Esta discussão também se coaduna com a perspectiva de teóricos como Hunt (2010), que se interessa pelas questões específicas do universo do leitor infantil; bem como Umberto Eco (2004), Flávio Martins Carneiro (2010), dentre outros estudiosos preocupados com a construção do leitor.

Portanto, este texto remonta ao modo como o leitor contemporâneo percebe e interage com o personagem das narrativas ficcionais modernas, revelando que a estrutura da obra se fixa na relação entre leitor e texto, pondo este último em destaque em todas as suas dimensões verbal e não-verbal.

2. Harry Potter, um novo herói infantojuvenil

[...] Francamente, Dumbledore, você acha que pode explicar tudo isso em uma carta? Essas pessoas jamais vão entendê-lo! Ele vai ser famoso, uma lenda. Eu não me surpreenderia se o dia de hoje ficasse conhecido no futuro como o dia de Harry Potter. Vão escrever livros sobre Harry. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele! (ROWLING, 2000, p.17)

Iniciaremos nossas considerações acerca do herói Harry Potter e de seu leitor infantojuvenil tomando como base a citação acima. Certamente, a literatura infantojuvenil e seus leitores sofreram uma revolução a partir de toda a saga do bruxinho inglês, enquanto fenômeno midiático que foi capaz de ligar o consumidor leigo à prática industrial. Na verdade, desde o primeiro livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, o personagem Harry Potter parece pré-destinado a se tornar de fato lenda, tanto na mídia quanto na literatura e no mundo do consumo. Contudo, podemos dizer que, foi justamente a imaginação criativa da autora J. K. Rowling – considerando-se ainda o elo entre realidade e fenômeno artístico – o

fator responsável pelo grande sucesso do herói Harry e sua boa relação com o leitor infantojuvenil.

Nesse sentido, podemos nos questionar como um livro que se adéqua ao mundo consumista procura desvincular-se disso na sua história, como por exemplo, no destaque aos defeitos de Duda, primo minado de Harry, e seu desprezo pelos brinquedos que ganha:

A casa dos Dursley tinha quatro quartos: um para o tio Válter e tia Petúnia, um para hóspedes (em geral a irmã de tio Válter, Guida), um onde Duda dormia e um onde Duda guardava todos os brinquedos e pertences que não cabiam no primeiro quarto. [...] Quase tudo ali estava quebrado. A filmadora com apenas um mês de uso estava jogada em cima de um pequeno tanque com que certa vez Duda atropelara o cachorro do vizinho; no canto estava o primeiro televisor de Duda, no qual ele enfiara o pé quando seu programa favorito fora cancelado; havia uma grande gaiola de pássaros, antigamente habitada por um papagaio que Duda trocara na escola por uma espingarda de ar de verdade, e que estava guardada numa prateleira com a ponta dobrada porque Duda se sentara em cima dela. Outras prateleiras estavam cheias de livros. Eram as únicas coisas no quarto que pareciam nunca ter sido tocadas (ROWLING, 2000, p.37).

Pelo excerto acima notamos como o leitor vai, aos poucos, construindo conexões com a história da vida do menino Harry Potter, dentre elas: as diferenças marcantes entre seu comportamento e o do primo, a inteligência, o carisma e o valor que ele atribui às coisas da alma em detrimento do desprezo que dá às coisas materiais do mundo consumista. Nesse sentido, o leitor contemporâneo identifica-se com a narrativa ficcional imaginativa. Logo, se a história e o modo por que foram estabelecidos os acontecimentos produzem sentidos, o herói e sua narrativa são facilmente aceitos pelo receptor da obra, ou seja, pelos leitores. Assim, os problemas do mundo mágico de Harry Potter tornam-se sólidos face ao mundo do leitor infantojuvenil contemporâneo. Desse modo, se a história possui sentidos, ela promove aceitação por parte do leitor. Assim, ao estudioso de literatura, especialmente o que se interessa pela literatura infantojuvenil, resta entender como o livro é capaz de construir certos elos com o leitor. Segundo Peter Hunt (2010), ao analisarmos livros para crianças ou adolescentes é necessário procurar responder os seguintes questionamentos:

como é o livro e que impressão ele proporciona? Como se sente o leitor? [...] qual o pano de fundo do livro? E o pano de fundo do leitor? Que habilidades o livro exige? Que habilidades o leitor deve possuir? Qual é a circunstância da leitura? Tudo isso nos remete à relação da criança com o livro, que pode ser diferente da do adulto

– e em especial quando se trata da relação do adulto com o livro para criança (HUNT, 2010, p. 22).

Desta forma, quando o adulto ou estudioso de literatura também se propõe a ler o romance *Harry Potter e a Pedra Filosofal* é interessante que procure refletir diante dos questionamentos propostos por Hunt. Além disso, torna-se relevante ao leitor, seja ele infantojuvenil ou adulto, assumir a perspectiva do herói para facilitar a elaboração da imagem entre o sujeito (que possui ideologias e intencionalidades, isto é, o próprio herói ou protagonista da história) e a recepção que o leitor (sobretudo, o infantojuvenil) faz dessa imagem. Em outros termos torna-se crucial para o leitor compreender o *ethos* do personagem Harry e a trajetória que assume, retomando as semelhanças do herói clássico. Observamos que em toda a saga, Harry Potter sofre o percurso destinado ao herói clássico: a preparação, isto é, o rito de iniciação; a busca pelo autoconhecimento, e, em seguida, cumpre seu destino e retorna às origens.

Desta forma, observamos que os leitores de Harry Potter foram crescendo junto com o personagem e acabaram se transformando em “leitores viciados”, interessando-se também por outras leituras e linguagens que os levassem ao mundo mágico da ficção, como por exemplo, filmes, jogos, pinturas e o “peritexto [...] o material escrito e ilustrado que, cerca “a história: o logo da editora, as fontes, o leiaute etc.” (HUNT, 2010, p. 22). Além disso, no contexto de estudos da literatura infantojuvenil, é necessário analisarmos ainda o estilo e a estrutura a fim de que se torne perceptível o modo como esses aspectos produzem sentido para o leitor: “consideraremos como o leitor [...] se relaciona com esses elementos: como o gênero afeta o texto e como o conhecimento das convenções afeta o sentido” (HUNT, 2010, p. 22). Entretanto, Peter Hunt também destaca a contribuição que o leitor e o seu contexto promovem na produção de sentido de toda obra: “as implicações ideológicas do livro para criança - de fato, as implicações próprias da leitura” (HUNT, 2010, p. 22).

Então, se os textos tendem a misturar e colorir as relações da literatura com outras artes, aquele que lê está longe de manifestar uma atitude pacífica em relação ao texto. Para tanto, comporta-se como uma espécie de leitor viciado (CARNEIRO, 2010, p.21):

O leitor viciado, o que não consegue deixar de ler, e o leitor insone, o que está sempre desperto, são representações extremas do que significa ler um texto, personificações narrativas da complexa presença do leitor na literatura. Eu os chamaria de leitores puros; para eles a leitura não é apenas uma prática, mas uma forma de vida.

Nesse sentido, a leitura enquanto forma de vida transforma o sujeito porque permite sua modificação intelectual e espiritual. Muitas vezes, o leitor não quer encontrar o sentido da leitura, deseja apenas vivenciá-la e aproveitar suas substâncias mais nocivas.

Do mesmo modo em que há uma relação entre droga e escrita, poderá existir uma relação entre droga e leitura, mas apenas em alguns raros casos (quando o leitor não consegue deixar de ler) torna-se mesmo um viciado na leitura da literatura. Digamos que todo escritor antes de se firmar como tal, apresenta esse tipo de comportamento, ou seja, é um leitor viciado que procura a todo custo manifestar seus desejos mais íntimos em trabalhar com a palavra.

3. Sob a Perspectiva do herói: construção do leitor infantojuvenil de Harry Potter e a Pedra Filosofal

Percebemos o romance *Harry Potter e a Pedra Filosofal* escrito por J.K. Rowling, como uma nova possibilidade de interação entre personagem e leitor infantojuvenil. Neste caso, essa interação constitui um benefício ao leitor, afinal ele se sente instigado a conhecer o restante dos livros que compõem a saga, bem como novas linguagens que venham a expressar outros sentidos ao todo da obra.

Essa relação entre o novo herói infantil Harry e o leitor infantojuvenil parece ser delineada pela capacidade da referida escritora em desvendar dados da infância de Harry associando-os aos valores éticos e morais direcionados do personagem para o leitor.

Duda tinha uma vaga na antiga escola de tio Válter, Smeltings. Pedro ia para lá também. Harry, por outro lado, ia para a escola secundária local. Duda achava muita graça nisso.

- Eles metem a cabeça dos garotos no vaso sanitário no primeiro dia de escola – contou ele a Harry – quer ir lá em cima praticar?

- Não, obrigado – respondeu Harry. – o coitado do vaso nunca recebeu nada tão horrível quanto a sua cabeça, é capaz de passar mal. E correu antes que Duda conseguisse entender o que dissera (ROWLING, 2000, p.32).

Como podemos perceber, a ironia utilizada no discurso de Harry inova o perfil deste herói. No livro, a intenção de realismo e verdade se alterna com a atração pela fantasia, imaginário e maravilhoso. Embora Harry sofra as piores humilhações por parte de seus tios e primo, é através de sua perspicácia e inteligência que conseguirá ter êxito nos projetos e sair de certas situações delicadas, revelando-se, assim, um sujeito digno de empatia por parte do leitor. Assim, o leitor infantojuvenil demonstra a sensação de prazer

ao ler toda a história de vida do bruxo Harry. Daí entendermos o porquê de muitas gerações terem consumido com voracidade a leitura deste romance considerado de massa.

No livro *Lector in Fabula* (2004), Umberto Eco direciona seus estudos para a natureza das convenções semióticas e para a estrutura dos códigos e dos processos comunicativos, apresentando a ideia do leitor-modelo (*lector in fabula*), ao propor a identificação e o modo pelo qual o texto pode dar prazer ao leitor. Nesta direção podemos perceber ainda que o próprio texto é capaz de prever seu leitor a partir das estratégias textuais construídas pelo autor. Logo, desde o primeiro livro sobre as aventuras de Harry Potter localizamos a previsão de como seriam seus leitores. Segundo Umberto Eco:

[...] para organizar a própria estratégia textual, o autor deve referir-se a uma série de competências (expressão mais vasta do que “conhecimento de códigos”) que confirmam conteúdo às expressões que usa. Ele deve aceitar que o conjunto de competências a que se refere é o mesmo a que se refere o próprio leitor. Por conseguinte, preverá um Leitor-Modelo capaz de cooperar para a atualização textual como ele, o autor, pensava, e de movimentar-se interpretativamente conforme ele se movimentou gerativamente (ECO, 2004, p.39).

Nesse sentido, percebemos que o leitor infantojuvenil de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* sente prazer e curiosidade para conhecer além da narrativa. Esse encanto faz com que ele coopere com a narrativa, assim como talvez imaginou a escritora J.K. Rowling, ao movimentar-se por outros caminhos, o leitor gera novos sentidos à obra. Além disso, o leitor infantojuvenil do livro procura uma identidade pessoal com o herói Harry Potter. Identidade essa perdida na atualidade. Em outros termos, Harry Potter carrega consigo características clássicas do *ethos* do herói, advindas, especialmente do senso-comum, ou seja, ele projeta-se na mente do seu leitor como aquele que salvará as demais personagens; ele é a referência para a narrativa, possuindo qualidades e defeitos, conhecidos e coerentes para a aceitação do interlocutor. Desta maneira, o autor consegue prevê um leitor:

- Todo mundo acha que sou especial – disse finalmente. – Todas aquelas pessoas no Caldeirão Furado, o Prof. Quirell, o Sr. Olivaras... mas eu não conheço nadinha de mágica. Como podem esperar grandes feitos de mim? Sou famoso e nem ao menos me lembro o porquê. Não sei o que aconteceu quando Vol... desculpe... quero dizer, na noite que meus pais morreram (ROWLING, 2000, p.78).

Pelo discurso acima observamos a postura de um herói fragmentado, Harry Potter é indeciso, divergente dos arquétipos gregos, mas como todo herói tem caráter; é justo e imparcial em suas possibilidades, afinal tem um objetivo a conquistar. Desta maneira o leitor desenvolve habilidades e competências para interagir com a história. O leitor contemporâneo procura o reconhecimento de si no que lê e assiste, como tentativa de extravasar o que ele na realidade não consegue. Deste modo, ao analisar a trajetória do

herói Harry Potter, notamos a imagem transmitida por ele no interior da narrativa e a forma como essa visão determina o decorrer da história, sobretudo, quando se leva em consideração o impacto que causará ao leitor. Assim sendo, o *ethos* do herói Harry Potter é construído pelo interlocutor, que o aceita e o faz como representante de suas vontades dentro da visão ficcional que esse leitor projeta (MAINGUENEAU, 2008).

Vale frisar ainda que destacar os heróis nas narrativas consiste numa atitude fundamental para a construção e desenvolvimento da história. No entanto, a aceitação deste herói se dá por parte do leitor, afinal é ele quem cria a imagem desse personagem e a pressupõe como um herói. Assim também, o *ethos* está ligado ao estereótipo, trabalha com a questão subjetiva de quem recebe a obra, neste caso, pode também ser individualizada – no sentido de subjetiva (MAINGUENEAU, 2008). Nestas condições, o autor de Harry Potter consegue prevê um leitor infantojuvenil devido à aceitação estabelecida sob o personagem.

Destarte, Harry Potter interage com o leitor e interlocutor, pois cumpre as funções do cinema e da literatura, proporcionando prazer estético e sociocultural. O leitor de hoje é um sujeito social que não pode ser entendido apenas como mero receptor, mas um leitor de mídias que interage, procura, discute, questiona; é ativo e independente.

Algumas categorias que compõem o *ethos* do herói Harry Potter ajudam a construir a imagem do personagem para o leitor. Assim sendo, a constituição do herói também proporciona a formação de um tipo de leitor infantojuvenil, ou seja, a formação do herói depende da relação imediata entre o que ele passa e o que as pessoas esperam dele. Observamos em Harry Potter um personagem órfão que deve cumprir seu destino enquanto bruxo, e, que é composto por ideologias as quais devem ser seguidas por todo herói:

[...] Harry Potter virou-se dentro dos cobertores sem acordar. Sua mãozinha agarrou a carta ao lado mas ele continuou a dormir, sem saber que era especial, sem saber que era famoso, sem saber que iria acordar dentro de poucas horas com o grito da Sra. Dursley ao abrir a porta da frente para pôr as garrafas de leite do lado de fora, nem que passaria as próximas semanas levando cutucadas e beliscões do primo Duda... ele não podia saber que, neste mesmo instante, havia pessoas se reunindo em segredo em todo o país que erguiam os copos e diziam com vozes abafadas:

- A Harry Potter: o menino que sobreviveu! (ROWLING, 2000, p.20).

Notamos a criança abandonada que desconhece seu destino, mas interage com seu lugar no espaço. A infância de Harry Potter permite uma aproximação com o leitor infantojuvenil, por meio de muitos fatores como as aventuras, os anseios, as disputas

infantis, afinal tanto o leitor quanto o personagem acabam passando pelas mesmas angústias e reflexões nesse período de desenvolvimento e amadurecimento humano.

Estas informações conduzem a pensar em dois grupos de obras criativas: a) as obras do questionamento e b) as obras de representação. Do primeiro grupo fazem parte as obras inovadoras; já no segundo grupo apresentam-se as obras continuadas. O que as diferencia entre si é a intencionalidade que as move: as primeiras questionam o mundo – procurando estimular seus pequenos leitores a transformá-lo, um dia; as segundas representam o mundo – procurando mostrar (ou denunciar) os caminhos ou os comportamentos a serem assumidos (ou evitados) para a realização de uma vida plena e mais justa. Contudo, onde poderíamos enquadrar os livros da saga Harry Potter? Este questionamento exige muita reflexão.

Sabemos que o valor literário de um livro não depende do fato de ele pertencer a uma ou outra diretriz, mas sim da coerência orgânica (que deve existir em toda obra literária) entre a visão de mundo que o alimenta e as soluções estilístico-estruturais escolhidas pelo autor, tendo em vista o momento em que escreve. Logo, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* bem como o restante de suas histórias auxiliam na construção do leitor infantojuvenil contemporâneo.

4. Considerações Finais

Com base nas discussões traçadas por nós pudemos visualizar que o romance *Harry Potter e a Pedra Filosofal* cumpre um papel social, pois a voz que narra a história mostra-se atenta ao seu possível leitor ou destinatário.

Desta forma, revela não só o desejo de comunicação, mas também a consciência de que é desse leitor/receptor que depende, em última análise, o alcance da mensagem. Além disso, o livro infantojuvenil é entendido como uma espécie de mensagem ou comunicação entre um autor-adulto (o que possui a experiência do real) e um leitor-criança (o que deve adquirir tal experiência).

Assim sendo, o ato de ler ou ouvir, pelo qual se completa o fenômeno literário, transforma-se num ato de aprendizagem. Portanto, podemos compreender o quanto Harry Potter proporcionou de aprendizagens ao leitor contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Flávio Martins. “Através do espelho (e o que o leitor encontrou lá)”. In: *O Leitor Fingido: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. p.13-68.
- ECO, Umberto. *Lector in Fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Tradução de Atílio Cancian. 2ª. Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.
- HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosacnaify, 2010, 328 p.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 5ª. Edição. São Paulo: Cortez, 2008.
- ROWLING, J.K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.